

EDMEIRE OLIVEIRA EXALTAÇÃO

MOVIMENTO NEGRO:

ASPECTOS DA TRAJETÓRIA SÓCIO-POLÍTICA
DO MILITANTE.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

JOSÉ FLÁVIO P. BARROS (Orientador)

CLÉIA W. SCHIAVO

WALTER SINDER

Monografia submetida ao corpo docente acima, do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e o m: parte dos requisitos necessários para a obtenção da graduação em Bacharelado em Ciências Sociais.

Para

Sol, Terra e Natureza
(meus filhos)

A G R A D E C I M E N T O

Na impossibilidade de citar todas as pessoas que de alguma forma colaboraram para a realização deste trabalho, faço-as aqui representadas por aquelas que diretamente estiveram envolvidas na sua elaboração. Pela amizade e "força" meu profundo agradecimento a Gláucio Soares, Yeão Ferroira, Carla Pontes, Cléia Schiavo, Carlos Masenbalg e ao CEAP na pessoa de Jorge Damião.

SUMÁRIO

	pág.
I - INTRODUÇÃO.....	06
1. Movimento Negro no Contexto Atual.....	06
2. Negros no Rio de Janeiro.....	08
3. Negros na Literatura Sociológica.....	10
4. Movimento Negro - Como se Define?.....	12
5. Isolamento Enquanto Movimento Étnico.....	13
6. O Instrumento de Investigação e a Amostra.....	14
II - CARACTERÍSTICAS SÓCIO-ECONÔMICAS DOS MILITANTES.....	18
1. A Idade.....	19
2. Mobilidade Ascendente.....	21
III - CARACTERÍSTICAS POLÍTICO-IDEOLÓGICAS.....	32
1. Recrutamento e Dificuldades.....	32
2. Incidentes Discriminatórios.....	36
3. Organização do Movimento Negro... ..	37
4. Opção Partidária.....	41
5. Entre o Afeto e o Racismo.....	45
IV - ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
V - ANEXOS.....	50
VI - BIBLIOGRAFIA.....	56

I - INTRODUÇÃO

1. MOVIMENTO NEGRO NO CONTEXTO ATUAL

O tema central desta pesquisa é o Movimento Negro no Brasil, entendido aqui como uma instituição social de ordem política, cultural ou ambas, organizada na luta contra o racismo. Será tomado como marco de tempo o início dos anos 70, período considerado por estudiosos e militantes como o início da fase atual vivida pelo Movimento Negro (MN).

Pretendemos com a realização deste trabalho ampliar o fornecimento de subsídios que ajudem a uma melhor abordagem não muito explorada pelos pesquisadores, ou seja, a partir da organização e mobilização política dos negros contra o racismo.

Alguns estudiosos já batizaram a época atual de pós-modernidade e segundo eles, entre outros propósitos, a pós-modernidade seria uma época de avaliação da forma deletérea a que foram submetidos e destruídos na modernidade diferentes povos e culturas. Esta seria também uma época que se caracterizaria pela organização e insurgências, agora não mais de uma classe social oprimida mas, de diversos grupos em luta na sociedade, apresentando reivindicações específicas em defesa dos seus direitos e exigindo a "transformação de uma realidade social que os reprime e sufoca"¹, conforme apontado por Yudice (1990).

1- Cf. George Yudice, O pós-moderno em debate. Revista Ciência Hoje. vol.11, nº 62, p. 47.

O corte no tempo histórico de moderno para pós-moderno, desreferencia do cenário principal velhos atores e introduz novos. Quem aparece como novo protagonista da história pós-moderna? Quem entra nesse novo cenário histórico? Aponta ainda Yudice a solidificação de lutas específicas como as de mulheres, homossexuais e principalmente as étnicas, como o novo cenário dos acontecimentos do mundo.

Muda o cenário e mudam as perspectivas de transformação nas estruturas social e ideológica. A expectativa de que esta se concretizaria a partir das organizações partidárias e macrolutas travadas entre operários e burgueses se transferem para as ações individualizadas dos diversos movimentos sociais e étnicos onde "a luta política pelos direitos das minorias não se trava apenas na militância partidária mas também, e sobretudo, na lenta transformação do cotidiano e das mentalidades"².

Cutrossim, do mesmo modo que aparecem novas perspectivas de mudança, aparecem também novos dilemas. O discurso marxista deixa de ser o paradigma e o referencial de um novo modo de vida, criando para os que lutam por justiça social, dilemas político-existenciais.

É neste sentido que situamos o Movimento Negro atual, o ressurgido no Brasil na década de 70, como um movimento característico do pós-moderno. Os dilemas pelos quais ele passa - Como se organizar nos múltiplos espaços da sociedade brasileira para derrubar

2- Ibid., pág. 48.

o racismo? Que rótulos identificáveis, do ponto de vista político e sócio-econômico, diferenciam os seus militantes? Como seduzir a maioria negra conformada com o simulacro de democracia racial?-, são próprios de quem busca resposta nesse novo contexto histórico.

Tomando esses dilemas como roteiro tentaremos traçar nesta pesquisa uma performance sócio-econômica e política de um grupo de militantes negros do Rio de Janeiro, supostamente tidos como um dos mais avançados politicamente dentro do Movimento Negro como um todo.

2. NEGROS NO RIO DE JANEIRO

A maioria da população pobre no Brasil é negra. Isto é um fato comprovado. É comprovado também que, em decorrência do caráter racista da nossa sociedade, essas duas variáveis, negra e pobre, mantêm uma estreita e constante relação de dependência e associação. Explicar essa dependência pelo viés da escravidão não mais se justifica (cf. Hasenbalg, 1979) e o que nos resta é a constatação de que a multiétnicidade da sociedade apresenta-se através de clivagens étnicas, cristalizadas num plano de desigualdade onde os privilégios e garantias sociais, econômicas e políticas estão reservados ao grupo étnico de maioria branca alocado no topo da pirâmide social, enquanto que na base encontramos o grupo étnico de maioria negra.

Em razão de seu desenvolvimento industrial e urbano, o Rio de Janeiro é um dos Estados onde boa parte dos negros e mesti

ços apresenta condições materiais de vida muito mais confortáveis do que as condições apresentadas pela maioria desses segmentos raciais no restante do país³. Ressalte-se, contudo, que mesmo encontrando situações mais favoráveis no Rio, a população negro-mestiça não deixa de encontrar, em função do racismo, obstáculos ao seu trajeto social de vida.

Vários são os índices denunciadores da desigualdade racial. Mesmo representando 42% da população no Estado (tab. 01), negros e mestiços não estão representados nos estratos médios e superiores de forma proporcional ao seu percentual demográfico⁴. A grande maioria encontra-se no fundo da pirâmide social e nos picos dos indicadores sócio-econômicos sobre subemprego, pobreza, marginalidade, analfabetismo, população de rua, etc..

TABELA 01 - DISTRIBUIÇÃO RACIAL DA POPULAÇÃO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Negra	1.485.081
Mestiça	4.055.668
Branca	7.787.801
Amarela	12.626
TOTAL	13.341.176

Fonte: PNAD/87

3- Cf. Carlos Hasenbalg, A.. Discriminação e desigualdade raciais no Brasil. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1979.

4- Os militantes do MN discordam dos resultados apresentados pelo IBGE, quanto aos números de distribuição racial da população.

O avanço da técnica e as facilidades de uma vida mais confortável deixam mais nítidos os tons dessa desigualdade racial e é nesse sentido que o Movimento Negro hoje pauta a sua luta: na exigência de uma redistribuição mais igualitária entre negros e brancos quanto às oportunidades de acesso aos bens produzidos pela civilização pós-moderna.

3. NEGROS NA LITERATURA SOCIOLOGICA

Temos uma extensa literatura sociológica sobre relações raciais no Brasil. Entretanto, percebemos que esta tem se concentrado numa temática que privilegia os aspectos caracterizados pela interação e conflitos interétnicos, especialmente entre brancos e negros. Esta literatura deixa uma lacuna quando não se preocupa com uma análise mais específica do cotidiano de luta política dos grupos na sua forma individualizada⁵. Por exemplo, verificamos a existência de uma diminuta bibliografia abordando o Movimento Negro no Brasil.

Para os militantes, o critério adotado nas pesquisas de auto-classificação racial camufla os dados reais, pois, em função do controle ideológico do embranquecimento, a população negra e mestiça, obedecendo a critérios de gradação racial, tende a se definir de uma forma que se aproxime da branca. De acordo com os militantes, se fossem adotados critérios mais exatos de classificação racial a população negro-mestiça apareceria como maioria, ao invés da branca.

5- Cf. Regina Pinto, em Movimento Negro e Etnicidade. Estudos Afro-Asiáticos, n.º. 19, p. 107.

A verificação desse desinteresse nos faz recorrer a algumas concepções weberianas sobre a relação sujeito/ objeto/ conhecimento. Segundo Weber, a motivação para a escolha deste ou daquele objeto de análise não está descolada de "premissas subjetivas" e o nex de "valores culturais" por parte do pesquisador que é quem estabelece as condições para o conhecimento de determinado objeto. Para Weber, o que condiciona a escolha e o conhecimento desse objeto é a relação preestabelecida de paixão entre o sujeito (pesquisador) e o objeto pesquisado).

Com isso, temos elementos para supor que, em vista da complexidade existente nas relações raciais em nossa sociedade, esta concorra para uma certa dificuldade por parte dos estudiosos em estabelecer uma relação de paixão com um objeto de análise - aqui nos referimos ao MN - que vá exigir-lhes uma metodologia e posicionamento que possam levá-los a situações conflitantes e contraditórias diante do objeto pesquisado. Talvez daí, a abundância de trabalhos que tenham como referência temporal o escravismo. É de se imaginar que este tipo de abordagem proporcione mais conforto.

Enfim, o reduzido número de títulos sobre o MN contemporâneo nos dá condições de usar como referencial teórico, quase toda a produção realizada até o momento e que será a base bibliográfica desta pesquisa. Vale aqui ressaltar uma crítica da Regina Pinto (1990), na qual ela diz que "apesar de os estudiosos do negro considerarem essa mobilização, via imprensa e as associações, um movimento social - O Movimento Negro - tanto nos trabalhos citados

como em outros que focalizaram diferentes momentos do Movimento Negro, não se observa uma reflexão, do ponto de vista teórico, sobre as características específicas deste movimento social"⁶.

Nesse sentido, acreditamos que a realização deste trabalho seja, de alguma forma, uma contribuição para o preenchimento da lacuna existente no quadro das produções sobre relações e desigualdades raciais, no que diz respeito a estudos específicos sobre organização e mobilização política dos grupos étnicos dominados.

4. MOVIMENTO NEGRO - COMO SE DEFINE

O que é o Movimento Negro? Como ele se cristaliza no espaço social? Como se dá a sua arregimentação? Como são e estão os seus militantes?

Parece não existir entre os militantes uma definição objetiva e consensual do que seja o MN e, por consequência, um militante. Foi frequente ouvir durante a realização do trabalho de campo designações diversas, todas baseadas em interpretações subjetivas do entrevistado. As definições mais frequentes se polarizam em

6- Ibid., p.110. Os trabalhos citados, referidos por Regina são: A integração do negro à sociedade de classes, de Florestan Fernandes (1964); "A imprensa negra no Estado de São Paulo, de Roger Bastide (1951); Miriam Ferrara com "A imprensa negra paulista" (1981) e Clóvis Moura com "De bom escravo a mau cidadão (1977).

duas vertentes. Uma que vê o MN como o conjunto de todos os "negros conscientes" que independente de afiliação a alguma instituição negra, esteja lutando de alguma forma contra o racismo ou pela preservação dos valores culturais do negro. A outra, sem o caráter holístico da primeira, tem o MN como o conjunto de instituições negras, nas quais os seus filiados se organizam para combater o racismo e preservar e divulgar a cultura afro-brasileira. O que percebemos nessas definições todas é a existência de uma maior preocupação com a territorialidade física (instituições) ou humana (militantes), por onde o MN pode se estender, do que com uma racionalidade organizativa e articulada entre esses elementos, instituições e militantes.

Os organizadores do I^o ENEN⁷ definiram o MN como "entidades e grupos de maioria negra que têm o objetivo específico de combater o racismo e/ou expressar valores culturais de matrizes africanas e que não são vinculados a estruturas governamentais ou partidárias". Esta é uma definição que se faz numa tentativa de intermediar as diversas existentes e nos parece que, de alguma forma, contempla todas as tendências existentes no MN.

5. ISOLAMENTO ENQUANTO MOVIMENTO ÉTNICO

A luta contra o racismo mantém o MN em condições específicas no âmbito das lutas sociais, por ser o único movimento so-

7- I^o Encontro Nacional de Entidades Negras, realizado do dia 14 a 17 de novembro de 1991, na cidade de São Paulo.

cial a ver na questão racial a origem de todos os outros problemas sociais existentes na sociedade. Ou melhor, o MN não separa fatos como subemprego, menor abandonado, favelização, deficiência no ensino, etc., da ação do racismo. No entendimento dos seus militantes, todas estas questões têm sua origem na forma como a sociedade brasileira foi estruturada, isto é, a partir do pensamento racista. Essa singularidade na forma de entender os fatos sociais, juntamente com a idéia que prevalece na mentalidade da sociedade de que o racismo é uma luta que deve ser assumida somente pelos negros, colocam o MN numa posição isolada de luta.

Em termos de assunção conjunta da luta ou de solidariedade, o máximo que o MN encontrou até o momento foram atitudes manifestadas através de espaços cedidos por partidos políticos - desde os considerados de direita até os de esquerda - e por políticas de governo, deixando evidente que estes vêem o racismo como um problema dos negros e a ser resolvidos apenas por eles⁸. Alguns militantes já têm o entendimento de que esta particularização da luta contra racismo por outros setores da sociedade configura mais numa estratégia de omissão do problema do que exatamente de solidariedade.

6. O INSTRUMENTO DE INVESTIGAÇÃO E A AMOSTRA

Não existem ainda pesquisas que dêem conta do universo

8- Como, por exemplo, temos as "secretarias de negros", encontradas nos diversos partidos, a Fundação Palmares, de iniciativa do Go

numérico dos militantes negros no Rio de Janeiro. Esta falta de dados sobre o universo, de onde foi extraída a amostra desta pesquisa, implica em problemas de ordem metodológica, pois ficamos sem um referencial pelo qual pudéssemos mensurar a representatividade dos resultados. Em vista disto, os resultados aqui revelados são relativos à amostra e não ao MN como um todo. Contudo, o material colhido nos permite levantar hipóteses e apontar tendências do comportamento dos militantes.

O questionário (ver em anexo) foi distribuído durante o Iº ENEM realizado em São Paulo, em novembro de 1991, e a maioria dos entrevistados foi de delegados escolhidos segundo os critérios estabelecidos pela Coordenação do Encontro para representar algumas entidades do Estado do Rio de Janeiro. O questionário, composto por 40 perguntas, estava dividido em metade de perguntas fechadas e outra metade abertas. As perguntas fechadas eram relacionadas a aspectos objetivos da vida sócio-econômica do entrevistado e visaram investigar o grau de dinamismo social ascendente na amostra, enquanto que as perguntas abertas buscaram caracterizar os seus posicionamentos político-ideológicos.

Intencionalmente procuramos criar um instrumento de investigação que não tivesse a necessidade de identificação a fim de que o entrevistado se sentisse mais à vontade para respondê-lo. Realmente, isto ocorreu. Apesar do questionário ter sido longo, com metade das suas perguntas abertas, a grande maioria respondeu

verno Federal, e a Secretaria de Desenvolvimento e Promoção do Negro - Sedepron, de iniciativa estadual.

a 100% do questionário

Dos cerca de 100 participantes do Estado do Rio de Janeiro, 55 responderam ao questionário. Considerando o clima agitado do Encontro, o que é característico de eventos como esse, e do ambiente não propício à reflexão da forma como exigia o questionário, o retorno de 55% nos foi satisfatório.

PERFIL SÓCIO-ECONÔMICO DOS MILITANTES DO RJ

III - CARACTERÍSTICAS SÓCIO-ECONÔMICAS DOS MILITANTES

Analisamos até aqui, algumas dificuldades enfrentadas pelo MN no seu cotidiano político dentro de uma sociedade de largo espectro racista. Vejamos agora como se delineia o perfil sócio-econômico de um grupo de seus militantes nesse trajeto de luta contra o racismo.

A análise do perfil sócio-econômico dos entrevistados foi rastreada pela hipótese levantada por alguns pesquisadores de que os militantes do MN se destacam da maioria negra pelo fato destes haverem adquirido status superior através do investimento feito em anos de escolaridade, transformando-se, assim, numa espécie de "elite negra". Através dos dados obtidos no survey, realizado durante o I ENEN, em novembro de 1991, na cidade de São Paulo, verificamos as características sócio-econômicas dos entrevistados e as comparamos com as da maioria da população negra afim de constatar em que nível, realmente, eles se constituem numa elite. Para isso verificamos, através da elaboração e análise de tabelas, as seguintes variáveis:

- a) nível de escolaridade alcançado pela maioria dos entrevistados;
- b) distanciamento entre educação paterna e filial;
- c) mobilidade intrageracional dos entrevistados;
- d) mobilidade intergeracional;
- e) renda mensal dos entrevistados, entre outras.

Os instrumentos utilizados para a comparação foram os nossos resultados com os da Pesquisa Nacional por Amos-

tra de Domicílio/1987 (PNAD/IBGE) sobre a cor da população.

1. A IDADE

A amostra foi composta por 33 homens e 22 mulheres, encontrando-se um maior número de entrevistados, tanto de homens como de mulheres, na faixa etária dos 30 aos 40 anos de idade. Conforme podemos observar na tabela 02, essa categoria atinge um percentual de 52,0% entre os homens, enquanto atinge 55% entre as mulheres. Apenas 15,0% dos homens têm menos de 30 anos de idade, enquanto que entre as mulheres encontramos 31% abaixo desse limite de idade.

TABELA 02 - FAIXA ETÁRIA DOS ENTREVISTADOS

IDADE	HOMENS	MULHERES
	%	
Até 30 anos	15	31
De 30 a 40 anos	52	55
De 40 a 50 anos	18	14
Acima de 50 anos	09	00
TOTAL	94	100

Se esse resultado indica uma tendência do MN como um todo, podemos identificar, numa primeira análise, pelo menos dois problemas: primeiro, dificuldades do MN no recrutamento de militantes mais jovens, pelo fato das suas atividades políticas e culturais não despertarem o interesse deles. Segundo, e mais provável, é o de que não está havendo renovação de quadros e, por isso mesmo, o movimento não está se ampliando. Estas dificuldades parecem

ser maiores entre os homens, pois, apenas 15,0% deles têm menos de 10 anos de idade, enquanto que as mulheres representam mais que o dobro, 31,0%. Não desconsideramos aqui também a possibilidade de que, sendo a maioria dos entrevistados delegados escolhidos pelas suas entidades, fatores concomitantes como idade e experiência política tenham influenciado na escolha de representantes mais velhos.

Quanto à média de idade de inserção no mercado de trabalho, encontramos na nossa amostra uma variância considerável entre homens e mulheres. Enquanto a inserção no mercado de trabalho entre os homens se dá em média aos 14 anos, entre as mulheres essa inserção só se dará aos 18 anos de idade. Esses resultados vêm confirmar aquilo que outros trabalhos têm demonstrado: a frequência da entrada precoce no mercado de trabalho entre as famílias pobres, principalmente entre as negras, e a discriminação racial sofrida muito mais pelas mulheres do que pelos homens, no que diz respeito ao acesso ao mercado de trabalho.

TABELA 03 - IDADE DE ENTRADA NO MERCADO DE TRABALHO POR GÊNERO

IDADE	HOMENS	%	
		MULHERES	
Menos de 14 anos	45	23	
De 15 a 17 anos	24	23	
De 18 a 20 anos	24	54	
TOTAL	93	100	

A média de idade das duas categorias, homens e mulheres, de 16 anos mantém, desta forma, o caráter precoce da inserção

no mercado de trabalho, levando-nos a crer que o trajeto desses militantes até aí foi semelhante ao da maioria da população negra. Fazendo uma análise associativa entre a entrada precoce no mercado de trabalho e as consequências negativas dessa precocidade no futuro status ocupacional dos indivíduos, Pastore afirma que "quanto mais precoce é a entrada, maior é a probabilidade dos indivíduos ocuparem posições de baixo status e aí permanecerem. Assim, a entrada precoce no mercado de trabalho tem duplo efeito negativo: de um lado determina um mau início de carreira, de outro dificulta o acesso a posições sociais mais elevadas"⁹. É importante notar que este fato não foi percebido entre nossos entrevistados. Apesar de 65% haver se lançado com menos de 18 anos de idade no mercado de trabalho ocupando posições manuais não-qualificadas, a grande maioria ocupa hoje posições altamente qualificadas.

2. MOBILIDADE ASCENDENTE

Ao fazermos o cruzamento da ocupação inicial dos entrevistados com a atual ocupação os resultados apontaram para um considerável dinamismo, no que diz respeito à mobilidade social ascendente desses militantes.

9- Cf. José Pastore (1986), in "A Transformação Incompleta: Brasil desde 1945. Org. Edmar Bacha/Herbert Klein. Ed. Paz e Terra, Vol. II, p. 08.

TABELA 04 - MOBILIDADE INTRAGERACIONAL DOS ENTREVISTADOS

OCUPAÇÃO ATUAL DOS ENTREVISTADOS	OCUPAÇÃO INICIAL DOS ENTREVISTADOS					
	1	2	3	4	5	6
1. Não-Manual Alta	0	3	0	0	4	5
2. Não-Manual Média	0	9	4	0	2	3
3. Não-Manual Baixa	0	2	0	0	2	3
4. Manual Alta	0	0	0	0	3	5
5. Manual Média	0	0	0	0	6	1
6. Manual Baixa	0	0	0	0	0	2
TOTAL	0	14	4	0	17	19

Pela tabela 04 podemos verificar o processo de ascensão ocupacional dos entrevistados entre o seu primeiro emprego e o atual. As colunas demonstram o status da ocupação inicial dos indivíduos, enquanto as linhas demonstram o status da ocupação atual. Observa-se uma grande concentração de indivíduos nas 5ª e 6ª colunas (Manual Média e Baixa) em função da inserção precoce no mercado de trabalho, quando os entrevistados começaram posições de baixo status ocupacional. A partir de então observamos que 68% dos entrevistados ocupam hoje posições ocupacionais não-manuais contra 30% localizados em ocupações manuais. Pela diagonal principal percebemos que apenas 2 entrevistados desceram de nível ocupacional, enquanto 17 permaneceram na mesma posição. Entre os 17 que permaneceram imóveis, dos 9 localizados na linha 2, oito (8) são professores distribuídos hierarquicamente dentro de sua categoria profissional mas, por limitação do questionário, esta disposição não ficou evidente. O fato é que todos os entrevistados ascenderam e se distanciaram em muito das suas ocupações iniciais.

TABELA 05 - MOBILIDADE INTERGERACIONAL DOS ENTREVISTADOS

OCUPAÇÃO ATUAL DOS ENTREVISTADOS	OCUPAÇÃO DOS PAIS					
	1	2	3	4	5	6
1. Não-Manual Alta	0	0	2	1	6	2
2. Não-Manual Média	3	1	4	2	7	2
3. Não-Manual Baixa	0	0	2	0	3	1
4. Manual Alta	0	0	0	0	2	5
5. Manual Média	0	0	0	0	1	2
6. Manual Baixa	0	0	0	0	0	1
TOTAL	3	1	8	3	19	13

Verificamos pela diagonal que 5 entrevistados herdaram o mesmo status ocupacional dos pais, enquanto 3 deles desceram. Pelas 5ª e 6ª colunas observa-se que os pais estão concentrados nas categorias ocupacionais manual média e baixa ao mesmo tempo que os entrevistados concentram-se nas 1ª e 2ª linhas, que representam o oposto da localização dos seus pais.

As tabelas 04 e 05 nos mostram dados que indicam um vertiginoso dinamismo na ascensão social desse grupo de militantes negros do Rio de Janeiro. Verificamos que tanto a mobilidade intergeracional - distanciamento entre o status ocupacional paterno e filial (tab. 05) - quanto a intrageracional - distanciamento entre a ocupação inicial do entrevistado e a atual (tab. 04) - ocorrem de forma dinâmica e intensa. Esse é mais um dado indicador do quanto estes militantes se distanciam da maioria negra no que diz respeito aos padrões sócio-econômicos. Como já dissemos anteriormente,

alguns pesquisadores comprovam que a ação do racismo, através dos elementos descritos, condiciona a maioria negra a uma rigidez e imobilidade sócio-econômica, com prejuízos humanos que vão passando de geração a geração.

A tabela 06 parece dar consistência à hipótese segundo a qual os militantes do MN procuram ascender socialmente via educação. De fato, cerca de 89% de nossos entrevistados estão concentrados nos níveis que vão do Segundo Grau completo (32,7%) ao Superior completo, onde encontramos 56,3% deles.

TABELA 06 - NÍVEL DE ESCOLARIDADE DOS ENTREVISTADOS

Nenhuma.....	00,0%
1º Grau (completo/incompleto).....	03,7%
2º Grau (completo/incompleto).....	32,7%
Superior (completo/incompleto).....	56,3%
Mestrado.....	07,3%
<hr/>	
TOTAL.....	100,0%

Realmente, não temos dúvidas de que a educação é um fator que atua como força propulsora à mobilidade ascendente desses militantes. Porém, verificamos na nossa amostra que mesmo os indivíduos que não quiseram ou não puderam investir num grau maior de escolaridade conseguiram dar saltos ascendentes consideráveis na escala social. Dessa forma, tendemos a acreditar que há entre esses negros uma maior dependência entre as variáveis consciência étnica e mobilidade ascendente do que entre esta última e educação.

A hipótese que levantamos é a de que ao serem "portadores" de uma "consciência", condição que independe da militância política, e conhecedores dos mecanismos e meandros por onde perpassa o racismo, esses negros adquirem mais habilidade para progredir e ultrapassar as barreiras impostas pelo racismo em relação à maioria dos negros que ainda não "resgataram" a sua "consciência"¹¹ seja, a variável principal, a alta taxa de mobilidade ascendente verificada entre os militantes negros é a consciência étnica e não pura e simplesmente o seu nível educacional.

Em relação à escolaridade dos pais dos entrevistados, já encontramos aí indícios diferenciadores dos pais da maioria da população negra. Dos 90% que deram informações, apenas 7,5% têm pais analfabetos e 3,7% os têm com nível universitário. Ao fazermos o cruzamento das variáveis nível educacional dos pais com nível educacional dos entrevistados verificamos a ocorrência de uma enorme distância entre a localização do status educacional de um e de outro. Vejamos pela tabela 07.

11- Aqui faço uso da linguagem militante cujas expressões "ter consciência étnica ou racial", "não ter consciência" e "resgate" têm o sentido respectivo de o negro estar ou não identificado com os valores da cultura negra. À idéia de "resgate" associa-se a restituição destes valores perdidos em função da ação do colonialismo e do racismo.

TABELA 07 - DISTANCIAMENTO ENTRE EDUCAÇÃO PATERNA E FILIAL

EDUCAÇÃO DOS PAIS	DOS	EDUCAÇÃO ENTREVISTADOS					DOS
		1	2	3	4	5	
1. Nenhuma		0	0	0	1	2	1
2. Primário (1º Grau)*		0	1	0	10	9	0
3. Ginásio (1º Grau)**		0	0	0	3	15	1
4. Colegial (2º Grau)		0	0	0	1	0	0
5. Universitário		0	0	0	0	2	1
6. Mestrado/Doutorado		0	0	0	0	0	0
TOTAL		0	1	0	15	28	3

* Denominação dada à 1ª Fase do 1º Grau anterior à Lei 5.692/71.

** Denominação dada à 2ª Fase do 1º Grau anterior à Lei 5.692/71.

A tabela 07 nos revela que apenas 4 entrevistados herdaram o mesmo status educacional dos pais, o que é verificado pelos números localizados na diagonal principal. Os zeros encontrados abaixo da diagonal principal nos indicam que nenhum dos entrevistados tem nível de escolaridade inferior ao dos pais e os números encontrados acima desta diagonal nos mostram a posição ascendente destes em relação àqueles. Por exemplo, a 2ª linha nos mostra que dos vinte entrevistados que tinham pais com primário, um herdou o mesmo nível do pai, dez ingressaram no 2º Grau, enquanto que nove ingressaram na faculdade. Esses dados se distanciam em muito do que é verificado no seio da população negra em geral, onde alguns estudos nos mostram a ocorrência de uma firme rigidez social.

É bom ressaltar aqui que não estamos querendo dizer que os militantes não encontram obstáculos no seu trajeto ascensional e que estão numa situação confortável. Evidente que não! O que queremos enfatizar nesta parte do trabalho são o distanciamento e a diferença do padrão sócio-econômico adquirido por esses militantes em relação à maioria da população negra como um reforço à hipótese de que a consciência racial é a variável principal a estabelecer essa diferença. Verificamos num primeiro momento que os nossos entrevistados indicavam ter feito o mesmo trajeto que fez a maioria dos negros mas, em determinado momento, eles mudaram para padrões sociais que os colocariam numa posição bem acima dessa maioria.

Alguns estudiosos preferem atribuir ao investimento na educação feito pelos militantes, a diferença sócio-econômica destes em relação a maioria negra, condição que também não negamos. Porém vemos o investimento na escolaridade feito por esses militantes como consequência de uma visão ~~mais~~ mais ampla das desigualdades raciais (condição que o MN classifica de conscientização racial), o que faz com que eles acelerem o seu ritmo de pressão na luta social competitiva. Conforme demonstraremos mais adiante, esses militantes ingressaram no MN já conscientes da problemática racial, situação que nos leva a concluir que o processo de ascensão desses militantes está desconectado do tempo de militância política.

Os nossos entrevistados distanciam-se da maioria da população negra principalmente no que se refere aos rendimentos mensais individuais, conforme nos mostram as tabelas 08 e 09.

TABELA 08

RENDA MENSAL DOS ENTREVISTADOS	
De 1/2 a 1 SM*	7,8%
De 1 a 2 SMs	4,0%
De 2 a 5 SMs	32,0%
De 5 a 10 SMs	41,0%
Acima de 10 SMs	16,0%

TABELA 09

RENDA MENSAL DA POPULAÇÃO NEGRA - RJ	
De 1/2 a 1 SM	24,0%
De 1 a 2 SMs	30,0%
De 2 a 5 SMs	27,0%
De 5 a 10 SMs	5,7%
Acima de 10 SMs	2,0%

* Salário-Mínimo

O salário-mínimo em 11/91 era de Cr\$ 42.000,00.

Vejamos que, diferentemente do que ocorre com a maioria da população negra carioca, que recebe em torno de 2 Salários-Mínimos apenas 4,0% dos entrevistados enquadram-se nessa categoria. O distanciamento, no entanto, é verificado claramente quando o maior contingente dos entrevistados se situa na categoria de 5 a 10 Salários-Mínimos enquanto que apenas 5,7% da população negra está incluída nesse limite.

Certamente que é essa configuração de destaque dos militantes em relação à maioria da população negra que leva alguns estudiosos a identificarem os militantes do MN como "elite". Entretanto, ressaltamos que por mais que o recorte sócio-econômico, em que se encaixam esses militantes, os diferencie da maioria da população negra, este não não lhes dá a condição de elite se considerarmos o conceito no seu significado estrito.

Hélène Monteiro relativiza essa condição de "elite negra" esclarecendo que "não se trata de uma elite econômica, intelectual, financeira ou politicamente estruturada. A sua 'ascensão

social' consiste basicamente em ter se profissionalizado através de uma formação recente. Em comparação com a elite intelectual branca já existente que, além de ser mais antiga, está diretamente vinculada às esferas do poder econômico-financeiro e político, a elite intelectual negra não constitui uma ascensão social para ela, nem tampouco para os negros como um todo".¹² Para a autora o que houve, na realidade, foi uma melhoria no "padrão de vida" do militante negro.

Com efeito, a afirmação de Hélène toma consistência quando os nossos entrevistados ao serem perguntados se sua situação econômica lhes permitia satisfazer suas necessidades básicas como casa, comida, roupa, saúde, transporte, etc., 86% deles responderam negativamente.

Em função da crise econômica, que se aprofunda a cada ano, vários são os indicadores que nos dão conta do declínio da qualidade de vida das classes médias e baixas no país. Aumentam as pressões sociais e, em vista do panorama racial apresentado pela nossa sociedade, é evidente que o negro é quem mais perde espaços conquistados às custas de esforço duplo em relação ao branco.

Prétendíamos inferir esse fato perguntando aos militantes em que nível a situação sócio-econômica deles se alterou nega-

12- MONTEIRO, Hélène. (1991) O Ressurgimento do Movimento Negro no Rio de Janeiro na Década de 70. Dissertação de Mestrado, IFCH/UFRJ.

tivamente ou manteve-se inalterada. Dos militantes argüidos 59% responderam que seu status econômico atualmente está muito pior em comparação ao de alguns anos passados, 19% acharam que que continuam na mesma situação e nada se alterou enquanto que 20% consideraram que sua situação melhorou se comparada com a de cerca de 10 anos passados.

PERFORMANCE POLÍTICO-IDEOLÓGICA

III - CARACTERÍSTICAS POLÍTICO-IDEOLÓGICAS

Na primeira parte desse trabalho analisamos a performance sócio-econômica apresentada por um grupo de militantes negros do Rio de Janeiro. Vejamos, nessa parte então um pouco de sua performance político-ideológica, ou seja, a forma como eles se organizam politicamente e pensam a sua organização.

1. RECRUTAMENTO E DIFICULDADES

Os motivos pelos quais um negro procura fazer parte de alguma entidade do MN a princípio nos parecem óbvios e procuramos inferir essa obviedade através da representação verbalizada dos entrevistados. Todos os 55 entrevistados eram filiados a instituições negras localizadas, em sua maioria, na área metropolitana do Estado do Rio de Janeiro¹³. Perguntados sobre o que a princípio os levou a procurar uma instituição do MN, 59% responderam que o fizeram pelas condições em que vive a maioria negra e também pela idéia de que juntos os negros lutariam com mais firmeza para melhorar as condições de vida da maioria da população negra. Outros 11% disseram que procuraram o MN por ter consciência racial e porque queriam lutar pelo resgate dos valores históricos e culturais perdidos do negro, enquanto que 5,5% tinham interesse em estudar e entender mais o racismo. Apenas 5,5% -esperávamos um contingente bem

13. Ver anexo.

maior com esta justificativa- responderam que procuraram o MN por terem sofrido alguma forma de discriminação racial.

QUADRO 1

MOTIVAÇÕES QUE LEVARAM O ENTREVISTADO FAZER PARTE DO MOVIMENTO NEGRO

MOTIVOS	%
1. Por ser negro e pela situação em que vive o negro.....	27,0
2. Para ser solidário e compartilhar com outros negros a luta contra o racismo/ Para combater o racismo.....	31,0
3. Por ter consciência da discriminação racial e resgatar os valores históricos e culturais do negro.....	11,0
4. Para buscar crescimento político e, através daí, uma vida melhor para si e sua família.....	7,0
5. Queria entender/ Saber mais/ Ter informações e estudar sobre o racismo.	5,5
6. Por ter sofrido discriminação.....	5,5
7. Não responderam.....	13,0

Esse quadro nos mostra que o recrutamento dos militantes do MN dá-se em sua maioria entre os negros que, de alguma forma, já têm algum tipo de entendimento da problemática racial no país. Os itens de 1 a 4, sem dúvida, deixam isso evidente. Se considerarmos que a maioria da população negra não associa a sua condição social a sua condição racial, podemos então supor que o discurso do MN não contém elementos objetivos que levem a maioria a essa rela-

ção cognitiva. Podemos concluir, portanto, que aqueles que procuram o MN já percebem essa relação.

Neste ponto Randolph Horn (1990) ao fazer uma análise dos estudos de alguns autores sobre a gênese e a organização dos movimentos negros da África do Sul diz que entre "alguns elementos da força organizacional interna (do movimento), incluem a habilidade de recrutar membros de outros grupos, os incentivos à participação, a capacidade de comunicação, liderança e assim por diante".¹⁴ Certamente que o MN no Brasil tem dificuldades com todos esses elementos "organizacionais" a que se refere Horn e nos parece que a "capacidade de comunicação" com a maioria da população negra seja a maior delas.

É amplamente reconhecido que apesar do crescimento do MN nos últimos tempos, este ainda não conseguiu mobilizar grandes segmentos da população negra. Isso fica muito evidente quando 97% dos nossos entrevistados concordam com isso e a maioria deles acha que as causas não estão localizadas dentro do MN, mas fora. Por outro lado, 40% preferem atribuir o fato à falta de conscientização racial da maioria negra, enquanto 29% culpam a deficiência de atuação do MN. Já 25% acham que isso ocorre por causa da desmobilização política da população brasileira como um todo.

14- Cf. Randolph C. Horn (1990), Movimentos Reivindicatórios na África do Sul: Estrutura para uma Análise Comparativa. Estudos Afro-Asiáticos, nº. 19, p. 128.

QUADRO 2

POR QUE O MOVIMENTO NEGRO NÃO ATINGE A MAIORIA DA POPULAÇÃO NEGRA?

1. Pela falta de conscientização da maioria negra.....	40,0%
2. Por uma deficiência de atuação do MN.....	29,0%
3. Pela desmobilização política da população brasileira como um todo...	25,0%
4. Por outros motivos.....	5,0%

A respeito da provável falta de sintonia entre o MN e população negra, Carlos Hasenbalg enfatiza que "esses temas que aparecem no movimento social dos negros; denúncia de racismo, resgate de uma identidade negra via cultura, são coisas que aparecem muito abstratas e distantes para aquela grande massa da população negra que enfrenta problemas muito elementares de sobrevivência (...) aqui se gera um certo curto circuito que explica por que os movimentos negros têm a sua eficácia política limitada em dar certos recados. Estes recados não são recebidos por aqueles que deveriam ser atingidos pela grande massa que poderia seguir uma vanguarda ou liderança".¹⁵

15- Cf. Carlos A. Hasenbalg (1991), in Revista Proposta/Fase, nº. 51, novembro, p. 34.

2. INCIDENTES DISCRIMINATÓRIOS

De acordo com nossos dados, 72% de nossos entrevistados revelaram já ter sofrido discriminações raciais abertas, enquanto 1,9% disseram nunca ter percebido qualquer tipo de discriminação racial relacionada a eles. Para inferirmos os tipos de ocorrências mais frequentes pedimos aos nossos entrevistados que relatassem al gum incidente, mas a maioria preferiu não especificar os casos, afirmando que estes acontecem cotidianamente e das mais variadas formas (Quadro 03).

QUADRO 3

TIPO/LOCAL DE OCORRÊNCIA DE DISCRIMINAÇÃO
MAIS FREQUENTE

1. Cotidiano/Várias formas.....	42,0%
2. Entrada de edifícios residenciais..	9,1%
3. Polícia.....	9,1%
4. Seleção de emprego.....	7,0%
5. Escola.....	3,7%
6. Promoção funcional no trabalho.....	3,7%
7. Não responderam.....	25,4%

Note-se que em seguida ao grupo de respostas dos entrevistados que revelaram sofrer incidentes discriminatórios cotidianamente - 42% , o maior percentual é daqueles que não quiseram revelar qualquer caso. Esse dado pode estar efetivamente ligado ao incômodo emocional que relatos desse tipo muitas vezes provocam. Entre os mais frequentes estão o impedimento nas entradas de prédios residenciais, discriminação pela Polícia e quando da requisição de

empregos. Ocorrências menores foram verificadas nas escolas e, surpreendentemente, nenhuma em lojas, bares e similares, locais que costumam ser frequentemente denunciados por práticas de discriminação racial.

3. ORGANIZAÇÃO DO MOVIMENTO NEGRO

Existem duas variáveis pelas quais podemos entender e explicar as tendências organizativas do MN. São as que tendem a se expressar pela via cultural e a outra pela manifestação política. Hipóteses sugerindo que os militantes da Bahia tendem a manifestar-se mais culturalmente, enquanto os do Rio de Janeiro tenderiam às manifestações políticas são levantadas por pesquisadores e militantes. Estas hipóteses são também motivo de discussões polarizadas dentro do MN. Tentamos inferir através da nossa amostra até que ponto estas tendências sobressaem. Incitados a fazerem uma opção, os entrevistados do Rio de Janeiro revelaram não ter simpatia por qualquer das duas tendências. A maioria, 50%, é de opinião que o MN deva atuar tanto através de manifestações culturais quanto de manifestações políticas. O restante se distribui entre os que acham que o MN deva se concentrar somente nas manifestações políticas - 20%, ou nas manifestações culturais - 13%.

Um número substantivo de entrevistados, 64%, está insatisfeito com a forma como vem se organizando o MN. Somente 28% se dizem satisfeitos. A aqueles insatisfeitos pedimos que justificassem as razões da insatisfação. Alguns assim se justificaram:

Pesquisa CCAA

Mov. Negro.

Roteiro

Situar o MN dentro de discussões sobre pós-modernidade, por achar que o MN hoje carrega elementos / signos de lutas características de discussões: var. lutas dos homossexuais, das mulheres, etários. O MN estar dentro destas p/parenteses.

- Ter cuidado para não ficar um trabalho com fundo de 'militância', discurso bíblico de lutas militantes - scholeres de maneira vops inconsciente.

Parte: Perfil sócio-econômico

- A maioria do Rio confirmam hipóteses de Corbo/Nelson/ de que o militante está socialmente distante das massas vops. O padrão sócio-econômico dele está bem acima do das massas.

a) Idade: + de 50% de homens/mulheres² situam na faixa etária de 30/40 anos.
- até 30, 15% e 31%.

O contingente de mulheres acima de 30 anos é o dobro dos homens.

Idade de entrada no mercado de trabalho: Comparar com PNAD

Menos de 14 anos: 45% H e 23% M.

de 18 e 20 anos: 24% H e 54% M

→ tendência das mulheres de um modo geral?

"O MN não é eficaz na sua luta. O negro tem que levar a luta contra o racismo na sociedade de classes, não ficando apenas nos movimentos de denúncias e de lamentações. As entidades ainda estão num estágio primário de organização."

"O MN, infelizmente, não consegue ser um movimento de massa."

"Não há consequência lógica, efetiva, ou seja, as deliberações não apontam para uma prosperidade, construção do futuro. Muito se discute e pouco se executa onde um pequeno poder é disputado por muitos líderes deles mesmo".

"Não me satisfaz as ações e a forma de luta que o MN implementa diante da realidade vivida pela população negra".

"Existe um cupulismo muito grande que impede o crescimento do movimento nas massas. O MN há anos se restringe às mesmas pessoas, não atinge a um conjunto significativo da população. Não acontece de fato".

"É um movimento voltado para si".

Ainda quanto a essa questão da organização do MN, vejamos como ficou a frequência das variáveis mais respondidas no quadro 4.

QUADRO 4
 POR QUE DISCORDAM DA ORGANIZAÇÃO DO M.N

1. Falta organização e um projeto político de transformação social....	20,0%
2. Existe mais discurso do que ação prática.....	11,0%
3. É um movimento distante da população negra.....	7,0%
4. Pela desunião interna e disputa de poder entre os líderes.....	7,0%
5. Reflete mais luta partidária do que específica.....	5,5%
6. Não justificaram.....	14,5%

É significativo o percentual de entrevistados que discordam da atual organização, mas não quiseram justificar o porquê da discordância - 14,5%. O mesmo foi verificado quando do pedido de sugestões que pudessem melhorar a organização do MN. Omitiram-se 27%. É provável que a frequência da omissão diante de algumas perguntas seja reflexo de práticas políticas autoritárias e hierarquizadas, muito presentes na nossa sociedade onde grupos são eleitos, atribuem-se poder a eles e espera-se que tudo eles façam e resolvam. Isto faz com que a população ou, como no nosso caso, a base da militância sintam-se descompromissada com a resolução de problemas que a afetem diretamente. A omissão de grande parte dos militantes pode ser explicada por esse viés.

Vejamos, no entanto, algumas sugestões para a melhoria do MN daqueles que não se omitiram:

"Penetração nos meios de comunicação de massa. Vigilância constante e denúncia de todas as formas de racismo. Trabalho de conscientização política da população negra".

"Atuar em cada bairro com núcleos".

"Interferir solidamente nas manifestações culturais, populares e de massa (samba, funk, break, etc.)".

"Os negros que se preocupam com as péssimas condições da massa da população negra deve formular a luta por uma sociedade alternativa onde o subemprego, cuja origem encontra-se na ação do racismo, deixe de existir".

"Refletir sobre a sua prática, escrever sua verdadeira história, priorizar a formação de quadros..."

QUADRO 5

SUGESTÕES PARA O MOVIMENTO NEGRO

1. Mais organização e união interna...	16,3%
2. Mudar a prática atual e o comportamento das lideranças.....	16,3%
3. Ter atuação mais próxima da maioria da população negra.....	20,0%
4. Intervir e ocupar mais espaços na sociedade na luta contra o racismo.	11,0%
5. Fazer aliança e firmar compromisso de luta com outros movimentos sociais.....	9,1%
6. Nada quiseram sugerir.....	27,3%

4. OPÇÃO PARTIDÁRIA

Quanto à preferência partidária, é certo que a maioria dos militantes do Rio de Janeiro está dividida entre o PT e o PDT e as rivalidades partidárias são apontadas pelos entrevistados como um dos problemas que emperram o andamento do MN. Encontramos na nossa amostra uma maior preferência pelo PT, mas acreditamos que esta não seja uma tendência do MN como um todo. É provável que tenha sido uma característica particular dos participantes do I E-NEM (Ver quadro 6).

QUADRO 6
PREFERÊNCIA PARTIDÁRIA

PARTIDO	%
PT (Partido dos Trabalhadores).....	49,1
PDT (Partido Democrático Trabalhista).	18,8
PC do B (Partido Comunista do Brasil).	1,8
Nenhum.....	7,3
Não responderam.....	23,0

Vê-se que 49% dos entrevistados preferem o PT, enquanto 18% ficam com o PDT. Disseram não ter preferência por partido algum 7,3% dos entrevistados. O PC do B foi o único partido político a ser mencionado além dos outros dois citados. Foi considerável o percentual de entrevistados que não quiseram revelar sua preferência partidária. As justificativas mais frequentes dadas pela escolha deste ou daquele partido estão apresentadas no quadro 7.

QUADRO 7
JUSTIFICATIVA DA ESCOLHA PARTIDÁRIA

1. Tem projetos para e corresponde melhor aos anseios da classe trabalhadora e/ou do povo.	27,0% (PT)	
2. Tem projetos para e corresponde melhor aos anseios do negro e/ou da população negra.		3,6% (PDT)
3. Dá maior espaço interno para o militante negro do partido.....		1,8% (PDT)
4. Tem melhores propostas de mudança para uma sociedade mais igualitária..	7,2% (PT)	1,8% (PDT)
5. É o partido que está mais próximo das idéias do entrevistado.....	9,1% (PT)	7,2% (PDT)
6. Não responderam...	29,0%	

Dos entrevistados, 27% disseram preferir o PT por acharem que esse partido tem melhores projetos para a classe trabalhadora ou para o povo. Já 3,6% dos pedetistas justificaram sua opção afirmando que acham que o PDT tem melhores projetos para a população negra e é o partido que dá maior oportunidade política aos militantes negros do partido. Foi interessante notar a distinção feita pelos entrevistados no uso de categorias a partir das diferenças partidárias como povo e classe trabalhadora. pelos petistas, e

negro e população negra, pelos pedetistas.

Alguns entrevistados se posicionaram da seguinte forma quanto a sua preferência partidária:

"PT. É um partido do povo. Procura defender os interesses da grande massa. É um partido sério."

"Sou PT com ressalvas. Apesar da atuação antidemocrática do partido, este ainda mantém uma atuação voltada para a transformação social. Há que se observar a pouca importância dirigida pelo partido às questões específicas do MN como o combate ao racismo."

"Sou PDT porque é o partido que mais se aproxima da minha forma de pensar e da transformação da sociedade. É o que mais atende as minhas preocupações enquanto negra e favelada."

"PT. Pelo menos ele tenta de alguma forma resolver os problemas dos trabalhadores."

"PDT. Tem no seu conteúdo programático o negro."

A nossa amostra nos dá o indicativo de que a maioria dos militantes do Rio de Janeiro não simpatiza em nada com a idéia de um partido político só de negros no Brasil. Perguntados quanto a possibilidade da criação de um partido negro, 65% dos entrevistados foram totalmente contra, 18% foram simpáticos à idéia, enquanto 17% não opinaram. Muitos acham que o negro tem que ocupar todos os espaços políticos e um partido com esse caráter os isolaria além de ser uma forma de legitimar o racismo. Vejamos a reação de al-

guns entrevistados a pergunta: Você concorda que deva existir um partido só de negros no Brasil?

"O negro não tem que ter partido. Ele tem que se assumir e contribuir para uma sociedade melhor. Temos que construir nossa ideologia, uma sociedade melhor que esta. O partido é detalhe."

"Não! Estaríamos pregando a discriminação. Devemos avançar e evoluir politicamente, caminhando ao lado das outras raças."

"Não. Em princípio sou contra a existência de partidos políticos convencionais, principalmente partidos de negros. Sou de opinião que deva existir democracia participativa dos movimentos sociais na vida política e não democracia representativa."

"O racismo é um problema que todos, brancos e negros, devemos resolver."

O quadro 8 revela como os entrevistados se manifestaram ao serem perguntados sobre que espécie de regime político julgavam que seria melhor para maiores conquistas políticas e sociais dos negros e que contribuiria para a diminuição das desigualdades raciais no Brasil.

QUADRO 8
REGIME POLÍTICO

1. CAPITALISTA.....	0,0%
2. SOCIALISTA.....	60,0%
3. SOCIAL-DEMOCRATA.....	20,0%
4. ANARQUISTA.....	2,0%
5. MONARQUISTA.....	2,0%
6. OUTRO.....	9,0%
7. NENHUM.....	11,0%

Interessante foi o aparecimento de categorias novas criadas pelos entrevistados que não optaram por nenhuma das alternativas dadas, preferindo o item 6 do quadro 8 (OUTRO), indicando regimes como Quilombola, Palmarista, Quilombista, etc.

5. ENTRE O AFETO E O RACISMO

Faz parte da fala comum do ethos político dos militantes conversas, discussões e reflexões sobre o racismo. Mas, fora de seu círculo de sociabilidade política, com quem eles conversam mais sobre a questão? A grande maioria não faz distinção e conversa com todos de um modo geral. Apenas uma pequena parte deles limita-se a falar sobre racismo em círculos mais específicos como em família, no trabalho, na escola, etc. (V. quadro 9)

QUADRO 9
COSTUMA CONVERSAR SOBRE O RACISMO

1. Com todos de um modo geral.....	64,0%
2. Com a família.....	20,0%
3. Com amigos de trabalho.....	7,0%
4. Com amigos de escola/curso.....	5,4%

Observamos também na nossa amostra uma forte tendência à endogamia. Negros casando com negros parece ser o modelo adotado pelos militantes do MN. Solicitados a mencionar se os seus últimos/atuais parceiros foram/são negro, mestiço ou branco, 60% responderam negro, 18% mestiço, enquanto que 14% branco.

Sabemos que a escolha de parceiros sempre foi motivo de muita curiosidade e polêmica entre os militantes, principalmente nos idos dos anos 70, quando eram frequentes nas discussões referências ao fato de alguns militantes estarem relacionando-se com parceiros brancos. Essas discussões ficavam mais acirradas quando as referências eram feitas aos homens, pois parecia ser mais frequente a opção por parceiros brancos entre eles do que entre as mulheres. Hoje as discussões arrefeceram-se um pouco, mas verificamos que a tendência dos homens por parceiros brancos permanece. Dos sete (7) entrevistados que disseram ter parceiros brancos, seis eram homens.

Nelson V. Silva (1991) tenta explicar as tendências endogâmicas verificadas entre negros e brancos na nossa sociedade pelo distanciamento geográfico-espacial em que estão localizados estes grupos. De acordo com Nelson, o fato de negros e brancos se concen

trarem em espaços sociais diametralmente opostos inibe a aleatoriedade de cruzamento entre eles, forçando-os a uma "norma endogâmica" de casamento. "Para aqueles que se livraram do peso das normas endogâmicas, as únicas restrições que permanecem para se atingir a plena aleatoriedade racial no casamento estão ligadas às diferenças nas distribuições dos diversos grupos de cor".¹⁶

A análise de Nelson nos satisfaz num aspecto e nos leva a sugerir hipóteses com relação à tendência endogâmica do MN. Entre elas, a de que os militantes se vêem forçados a uma "norma endogâmica":

- 1) em função do convívio na militância, e
- 2) em função de um compromisso ético com sua "consciência racial".

Entretanto, Nelson ignora as forças ideológicas atuantes também nesse âmbito do afeto.

Tivemos a curiosidade de inferir em que grau de (in)satisfação se inscrevia a relação dos entrevistados com eles próprios no momento da entrevista e perguntamos como estavam se sentindo em relação a sua vida de um modo geral. Apenas um entrevistado respondeu que estava muito satisfeito com sua vida, 27% se disseram medianamente satisfeitos, mas a grande maioria, 56% dos entrevistados, declara-se totalmente insatisfeita.

Aos "satisfeitos" com a vida perguntamos o ^{que} por ^{que} da satisfação e alguns responderam porque estavam bem material e profis

¹⁶ - Ver Nelson do Valle e Silva in Estabilidade Temporal e diferenças regionais no casamento inter-racial. Estudos Afro-Asiáticos, n.º 21, pp. 49-60, 1991.

sionalmente, outros por enfrentar bem os desafios, as dificuldades e o racismo e outros, ainda mais otimistas, respondiam "por estar vivo". Feita a mesma pergunta aos "insatisfeitos", isto é, o porquê da insatisfação, alguns responderam porque estavam mal financeiramente e profissionalmente, enquanto a maioria confessava ficar muito deprimida com as condições de vida da maioria da população negra na nossa sociedade.

Finalizamos com a resposta de um dos nossos entrevistados que, poeticamente, bem ilustra os conflitos e (des)esperanças desse grupo de militantes na complexa luta por extirpar totalmente os resquícios de uma época colonialista e escravista que insistem em permanecer; na luta por um país mais justo na distribuição de oportunidades aos seus cidadãos, independente da cor; na luta por fazer com que também os negros usufruam dos benefícios de uma sociedade pós-moderna.

- Como você se sente em relação a sua vida em geral?
- Insatisfeito!
- Por quê?
- Porque a vida não é
o que a gente quer
a vida é o que é
a vida é
o que a gente vê na TV
a vida é o que o sistema quer
a vida não é
o que a gente sonhou ser
a vida é o que não deveria ser!¹⁷

17- Hermógenes Almeida, poeta e militante do MN (Embora não fosse solicitado, muitos entrevistados fizeram questão de se identificar, como fez Hermógenes)

IV. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizar este trabalho com uma conclusão seria redundante visto que todo o seu desenvolvimento foi pautado por análise e conclusões das respostas dos entrevistados. Aqui fazemos algumas considerações finais sugeridas pelas nossas análises.

Mesmo com todas as dificuldades - falta de recursos financeiros, deficiência organizativa e um certo isolamento - os militantes do Movimento Negro do Rio de Janeiro, conseguiram cristalizar na vida urbana elementos reveladores da sua negritude e da luta contra o racismo. Esses elementos são perceptíveis desde o "visual" cultivado pela maioria dos militantes ao seu discurso e comportamento político.

Todos esses elementos se transformam em signos reveladores também de uma diferença, o discurso racial, que colocam o MN numa situação desconfortável, ou de "isolamento" ou de competitividade. Daí, o distanciamento do MN dos setores políticos progressistas, dos meios acadêmicos e da sua própria base, a comunidade negra. Enfim, a ênfase dada às denúncias do racismo declina-se. Todos sabem, militantes e não-militantes que o racismo existe e que o seu resultado emerge a cada dia com mais força.

O que podemos concluir de uma maneira mais geral é que o MN sente-se angustiado frente à necessidade urgente de reformular o seu discurso e a sua prática de luta.

7 - ANNEXES

MOVIMENTO NEGRO, COMO ANDA E PENSA O MILITANTE

Caro militante,

Você está participando de uma pesquisa que tem, entre outros, o objetivo de traçar o perfil sócio-econômico dos militantes do MN. Respondendo a este questionário você estará contribuindo para que sejam conhecidos vários aspectos do MN, seus problemas e sua forma de pensar algumas questões políticas. As respostas são confidenciais e para deixá-lo mais à vontade para responder, este questionário não traz nenhum dado que o identifique nominalmente.

ENTREVISTADO, circule o número correspondente à sua resposta ou escreva quando necessário. Se precisar, use o verso da folha.

1. Sexo do entrevistado: 1. masculino 2. feminino
2. Idade: _____ anos
3. Em que local você nasceu ? Cidade _____ Estado _____
4. Onde você mora atualmente ? Cidade _____ Estado _____
5. Qual é o seu grau de escolaridade ?
1. nenhum 2. 1º grau incompleto 3. 1º grau completo
4. 2º grau incompleto 5. 2º grau completo 6. superior incompleto
7. superior incompleto 8. superior completo 9. mestrado/doutorado
Se fez/faz curso superior, qual o nome do curso _____
6. Qual é/foi o grau de escolaridade do seu pai ? _____
7. Qual é/foi o grau de escolaridade da sua mãe ? _____
8. Atualmente qual é o seu estado conjugal ?
1. nunca casou 2. casado/morando junto 3. separado(a) 5. viúvo(a)
9. Você tem filhos ? 1. sim Quantos? _____ 2. não
10. Você tem religião ? 1. sim Qual ? _____ 2. não
11. Com que idade você começou a trabalhar ? _____ anos
12. Qual foi o seu primeiro emprego ? _____
13. Qual é a sua profissão/ocupação atual ? _____
14. Qual é/foi a profissão/ocupação atual/última do seu pai ? _____
15. Qual é/foi a profissão/ocupação atual/última da sua mãe ? _____
16. Atualmente você está
1. trabalhando tempo integral 2. trabalhando tempo parcial
3. trabalhando p/conta própria 4. desempregado (procurando emprego)
5. desempregado (não procurando emprego)
17. Qual é o valor da sua renda mensal ? Cr\$ _____

18. Atualmente você mora

1. em residência de sua propriedade
2. em residência de propriedade de alguém da família
3. em residência alugada por você
4. em residência alugada por alguém da família
5. em residência cedida
6. outro _____

19. Qual é a condição da sua residência ?

1. na favela/morro em condições precárias
2. na favela/morro em condições razoáveis/boas
3. casa/apartamento em condições precárias
4. casa/apartamento em condições razoáveis/boas
5. casa/apartamento de luxo
6. outro _____

20. Em que área de serviço se enquadra a sua instituição de trabalho ?

1. público federal
2. público estadual
3. público municipal
4. área privada
5. por conta própria
6. outro _____

21. Você diria que a sua situação econômica permite que você satisfaça as suas necessidades básicas (casa, comida, roupa, saúde, transporte, etc) ?

1. muito precariamente
2. precariamente
3. razoavelmente
4. bem
5. muito bem

22. Em comparação a alguns anos atrás você diria que a sua situação econômica está:

1. muito pior
2. pior
3. a mesma
4. melhor
5. muito melhor

23. A sua situação econômica faz com que você se sinta um(a) privilegiado(a) diante da situação em que se encontra a maioria da população negra no Brasil ?

1. sim
2. não

24. Você pode dizer o total aproximado do rendimento das pessoas que vivem na sua residência? (incluindo o seu) Cr\$ _____

25. Você participa de alguma entidade negra ?

1. sim
2. não

26. Se participa, que motivos levaram você a fazer parte do MN ? _____

27. Qual é o nome da sua entidade? _____

28. Que pessoa da sua família também participa do MN ?

1. esposo(a)/companheiro(a) 2. pai/mãe 3. filhos(as)
4. irmão/ã 5. outro parente
6. você é o(a) único(a) da família que participa do MN

29. Você já sofreu algum caso de discriminação racial ? 1. sim 2. não

30. Se respondeu sim, onde, como e quando ocorreu ? _____

31. Você acha que o MN deve atuar mais na luta contra o racismo:

1. através de manifestações culturais
2. através de manifestações políticas
3. de outra forma. Qual ? _____

32. Você concorda com a forma como o MN vem se organizando ? 1. sim 2. não
Se respondeu não, diga por que: _____

33. Alguns militantes afirmam que apesar dos avanços que o MN vem conseguindo, este ainda não conseguiu mobilizar a grande massa da população negra. Você acha que isso acontece?

1. sim 2. não

Se você respondeu sim, que motivos concorrem mais para que isso aconteça ?

1. por uma deficiência de atuação do MN
2. pela falta de conscientização da maioria negra
3. pela desmobilização política da população brasileira como um todo
4. por outros motivos. Quais? _____

34. Que sugestão você daria para o MN melhorar ainda mais a sua forma de atuação ?

35. Qual é a sua preferência em termos de partido político ? _____
 - Por que esse partido _____

36. Você é da opinião de que deve existir um partido político só de negros no Brasil ?
 1. sim 2. não
 Por que ? _____

37. Que espécie de regime político você julga o melhor para que sejam diminuídos os problemas de desigualdades raciais no Brasil ?
 1. capitalista 2. socialista 3. social-democrata
 4. anarquista 5. monarquista 6. outro _____
38. Fora os seus amigos do MN, com quem você tem mais costume de conversar sobre racismo ?
 1. com a família 2. com amigos de trabalho
 3. com amigos de escola/curso 4. com todos de um modo geral
 5. com ninguém
39. Seu atual/último(a) parceiro(a) é/foi:
 1. negro 2. mestiço 3. branco 4. outro _____
40. Como você se sente em relação à sua vida em geral ?
 1. muito satisfeito
 2. satisfeito
 3. insatisfeito
 4. muito insatisfeito
 Por que ? _____

OBRIGADA. AXÉ!

Edneiro Exaltação

ANEXO II

Os entrevistados que fizeram parte desta pesquisa são das seguintes entidades negras do Estado do Rio de Janeiro:

IPCN - Instituto de Pesquisa das Culturas Negras

CEAP - Centro de Articulação de Populações Marginalizadas

APN - Agentes Pastorais Negros

LNEGRO

LEMI AYÇ

CENTRO CULTURAL MANDELA DE VOLTA REDONDA

KIKONGO

COMITÊ DE NEGROS DA ZONA OESTE

CENTRO CULTURAL SOLANO TRINDADE

COLIGMAS

CENTRO CULTURAL PALMARES - Volta Redonda

SACI - Sociedade Afro-Cultural Informativa

CENTRO CULTURAL RASTAFARI

MOVIMENTO CABOFRIENSE DE ORG. DAS CULTURAS NEGRAS

AGBARA DUDU

GRUCON - Grupo União e Consciência Negra

ASPECAB

GRUPO AFRO CULTURAL 20 DE NOVEMBRO

ASSOCIAÇÃO FEMININA ESCRAVA ANASTÁCIA

MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO - MNU

VI. BIBLIOGRAFIA

- ANDREWS, George Reid. (1991), O Protesto Negro em São Paulo. Estudos Afro-Asiáticos, nº 21.
- BIRMAN, Patrícia. (1989), Cosntrução da Negritude: Notas Preliminares. In Cativoiro e Liberdade. IFCH/UERJ, pp. 191-22.
- GONZALEZ, Lélia. (1982), O Movimento Negro na última década. In Lélia Gonzales e Carlos Hasenbalg , Lugar de Negro, Rio de Janeiro, Marco Zero.
- HASENBALG, Carlos A. (1979), Discriminação e Desigualdades Raciais no Brasil. Rio de Janeiro, Ed. Graal.
- HORN, Randolph C. (1990), Movimentos Reivindicatórios na África do Sul: Estrutura para uma análise comparativa. Estudos Afro-Asiáticos, nº 19.
- MONTEIRO, Hélène. (1991), O Ressurgimento do Movimento Negro no Rio de Janeiro na década de 70. Dissertação de Mestrado. IFCH/UFRJ
- PASTORE, José. (1986), in A Transformação Incompleta: Brasil desde 1954. Org. Edmar Bacha/Herbert Klein. Ed. Paz e Terra, RJ, Vol. II.
- PEREIRA, João Batista Borges. (1982), Aspecto do comportamento Político do Negro em São Paulo. Ciência e Cultura, São Paulo. , Vol. 34.

- PINTO, Regina Pahim. (1990), Movimento Negro e Etnicidade. Estudos Afro Asiáticos, nº 19, pp. 109-24.
- SEIFERTH, Giralda. (1983), Etnicidade e Cidadania: Algumas Considerações sobre as bases de mobilização política. Boletim do Museu Nacional, RJ.
- YUDICE, George. (1990), O Pós-Moderno em debate. Revista Ciência Hoje, Vol.11, nº 62, pp.47-48.
- SILVA, Nelson do Valle. (1980), O preço da cor: diferenciais raciais na distribuição de renda no Brasil. Pesquisa e Planejamento Econômico, Rio de Janeiro, pp. 21-44.
- VALENTE, Ana Lúcia Eduardo Farah. (1984), Política e Relações Raciais no Brasil: Os negros e as eleições paulistas de 1992. Dissertação de mestrado, USP.
- WEBER, Max. () A Objetividade do conhecimento nas Ciências Sociais em Weber. Ed. Ática, Coleção Grandes Cientistas Sociais, nº 13.